

Julie Buxbaum

# TRÊS COISAS SOBRE VOCÊ

E se a pessoa de quem você  
mais precisa for alguém que  
você nem conhece?

De: Alguém Ninguém

ARQUEIRO

Para meus E e L:  
o amor que sinto por vocês  
vai até a lua e volta  
e vai e volta.  
Infinitamente.

## Capítulo 1

Setecentos e trinta e três dias depois da morte da minha mãe, 45 dias após o meu pai fugir para se encontrar com uma estranha que ele conheceu pela internet, 30 dias depois de a gente se mudar para a Califórnia e apenas sete dias após começar o primeiro ano do ensino médio numa escola nova onde conheço aproximadamente ninguém, chega um e-mail. Deveria ser no mínimo esquisito uma mensagem anônima aparecer do nada na minha caixa de entrada, assinada com o bizarro nome Alguém Ninguém. Só que nos últimos tempos a minha vida tem estado tão irreconhecível que nada mais parece chocante. Foi necessário esperar até agora – 733 dias inteiros me sentindo o oposto de uma pessoa normal – para que eu aprendesse esta importante lição de vida: é possível ficar imune à esquisitice.

**Para:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**De:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**Assunto:** seu guia espiritual no colégio Wood Valley

ei, Srta. Holmes. nós nunca nos encontramos e não sei se um dia vamos nos encontrar. quero dizer, provavelmente vamos, em algum momento – talvez eu pergunte a você que horas são ou outra coisa igualmente banal e abaixo do nosso nível intelectual –, mas nunca vamos nos conhecer de verdade, pelo menos não de forma significativa... e por isso pensei em mandar este e-mail sob o manto do anonimato.

sim, eu sei que sou um cara de 16 anos que acabou de usar a expressão “manto do anonimato”, e sobre isso digo uma coisa: esse é o motivo nº 1 para que você jamais saiba o meu nome de verdade. eu não sobreviveria à vergonha dessa pose pretenciosa.

“manto do anonimato”? fala sério!

e sim, também sei que a maioria das pessoas simplesmente teria mandado uma mensagem pelo celular, mas não consegui pensar em nenhum jeito de fazer isso sem revelar quem eu sou.

tenho observado você no colégio. não de modo doentio, mas agora me pergunto: será que o simples fato de eu ter usado a palavra “doentio”, por definição, me torna doentio? de qualquer forma, acontece que... você me intriga. já deve ter notado que a nossa escola é um mundo vasto de Barbies e Kens, quase todos louros e de olhos vazios, e alguma coisa em você – não só o fator novidade, já que, claro, o resto de nós frequenta a mesma escola desde os 5 anos, mas algo no seu jeito de andar, falar e na verdade não falar, apenas observar a todos nós como se fizessemos parte de um documentário

bizarro do National Geographic – me faz pensar que você pode ser diferente de todos os idiotas da escola.

eu fico com vontade de saber o que se passa nessa sua cabeça. vou ser sincero: não costumo me interessar pelo que há na cabeça dos outros. a minha já dá trabalho suficiente.

o objetivo deste e-mail é oferecer meus conhecimentos. desculpe ser o portador de más notícias: não é fácil se orientar nos territórios ermos do colégio Wood Valley. o lugar pode parecer caloroso e receptivo, com a ioga, a meditação, os cantinhos de leitura e o carrinho de café (desculpe: o Karrinho de Kafé), mas, como todos os outros colégios do ensino médio (ou de um jeito até pior), é uma droga de uma zona de guerra.

por isso me ofereço como o seu guia espiritual virtual. sinta-se livre para fazer qualquer pergunta (a não ser, claro, sobre a minha identidade), e vou me esforçar ao máximo para responder a você: com quem fazer amizade (lista curta), de quem manter distância (lista maior), por que você não deve comer o hambúrguer vegetariano do refeitório (longa história, você nem vai querer saber, envolvendo esperma de atleta), como tirar 10 na prova da Sra. Stewart e por que você nunca deve se sentar perto do Ken Abernathy (problema de flatulência). ah, e tenha cuidado na aula de educação física. o Sr. Shackleman faz todas as garotas bonitas darem voltas extras pela quadra para poder olhar a bunda delas.

parece informação suficiente por enquanto.

e, só para constar, bem-vinda à selva.

atenciosamente, Alguém Ninguém

---

**Para:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**De:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**Assunto:** Fraude elaborada?

AN, isso é sério mesmo? Ou é algum tipo de trote para calouros, no estilo "comédia romântica"? Você vai me convencer a compartilhar os meus sentimentos/temores mais profundos e sombrios e depois, PÁ, quando eu menos esperar, vai postar tudo o que eu disser no Tumblr e vou virar motivo de chacota no colégio WV? Se for esse o caso, está mexendo com a garota errada. Sou faixa-preta em caratê. Sei cuidar de mim mesma.

Se não for zoação, obrigada pela oferta, mas não, obrigada. Um dia quero ser jornalista correspondente de guerra, então é melhor me acostumar logo com os campos de batalha. E, de qualquer modo, sou de Chicago. Acho que consigo enfrentar o Valley.

---

**Para:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**De:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**Assunto:** não é uma fraude, muito menos elaborada

garanto que não é trote e acho que nunca assisti a uma comédia romântica. é chocante, eu sei. espero que isso não revele uma grande deficiência no meu caráter.

você sabe que o jornalismo é um campo profissional em extinção, né? talvez devesse aspirar a ser uma blogueira de guerra.

**Para:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**De:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**Assunto:** Spam com alvo específico?

Muito engraçado. Espera aí, é verdade que tem esperma nos hambúrgueres vegetarianos?

---

**Para:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**De:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**Assunto:** você, Jessie Holmes, ganhou 100 milhões de dólares de um príncipe nigeriano

não somente esperma, mas esperma misturado com suor, por causa dos jogos.

eu também evitaria as almôndegas, só por garantia. na verdade, fique longe do refeitório. você ainda vai ingerir salmonela naquela merda.

---

**Para:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**De:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**Assunto:** Vou mandar o número da minha conta bancária o mais rápido possível

quem é você?

---

**Para:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**De:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**Assunto:** e cópias da certidão de nascimento e da carteira de motorista,  
por favor

não, isso não vai acontecer.

---

**Para:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**De:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**Assunto:** E, claro, você também precisa do número do meu CPF, certo?

Então tá. Mas me diga pelo menos o seguinte: por que você quase não usa letras maiúsculas? A sua tecla shift não funciona direito?

---

**Para:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**De:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**Assunto:** e altura e peso, por favor

preguiça terminal.

---

**Para:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)

**De:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)

**Assunto:** AGORA você está ficando peculiar

Preguiçoso e verborrágico. Combinação interessante. E mesmo assim você perde tempo colocando maiúsculas nos nomes próprios?



**Para:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)  
**De:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)  
**Assunto:** e o nome de solteira da sua mãe

não sou um completo mentecapto.

---

**Para:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)  
**De:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)  
**Assunto:** Preguiçoso, verborrágico E intrometido

“Mentecapto” é uma palavra bem grande e inusitada para um adolescente.

---

**Para:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)  
**De:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)  
**Assunto:** preguiçoso, verborrágico, intrometido e... bonito

essa não é a única coisa... opa! me contive bem a tempo para não fazer a piada óbvia. você me pegou totalmente desprevenido e eu quase caí de quatro.

---

**Para:** Alguém Ninguém (alguemning@gmail.com)  
**De:** Jessie A. Holmes (jesster567@gmail.com)  
**Assunto:** Preguiçoso, verborrágico, intrometido, bonito e... modesto

Posição perfeita.

---

Está vendo o que os e-mails fazem? Eu nunca diria algo assim pessoalmente. Grossoiro. Sugestivo. Como se eu fosse o tipo de garota capaz de fazer comentários assim. Quem, cara a cara com um membro da espécie masculina, saberia flertar, balançar o cabelo e, se a coisa chegasse a esse ponto, fazer muito mais do que beijar? (Que fique registrado: eu sei beijar. Não estou dizendo que tiraria 10 numa prova sobre esse assunto ou então que ganharia a medalha de ouro nas olimpíadas, mas tenho quase certeza de que não sou péssima. Sei disso simplesmente por comparação. Adam Kravitz. Nono ano. Ele: todo babão e raivoso, língua rítmica, que nem um zumbi tentando engolir a minha cabeça. Eu: participante superdisposta, três dias com o rosto esfolado.)

E-mail é um negócio bem parecido com ser diagnosticado com déficit de atenção: garantia de tempo extra nas provas. Na vida real, depois do fato consumado, eu quase sempre repasso as conversas na cabeça, corrijo as falas até aperfeiçoar o meu deboche espirituoso, despreocupado, sem esforço – tudo o que parece ser natural para as outras garotas. É perda de tempo, claro, porque a essa altura já é tarde demais. Na organização de conjuntos da minha vida, a minha personalidade imaginada e a minha personalidade real jamais convergiram. Mas nos e-mails e mensagens tenho aqueles instantes a mais de que preciso para ser a versão melhor, corrigida, de mim mesma. Para ser aquela garota que está na gloriosa interseção.

Eu deveria ter mais cuidado. Agora percebo isso. *Posição perfeita*. Sério? Não consigo decidir se parece mais coisa de homem cafajeste ou de uma vagabunda; de qualquer modo não parece coisa minha. E o pior é que não faço ideia de quem seja o destinatário. Duvido que AN seja mesmo algum benfeitor que sente pena da garota nova. Ou, melhor ainda, um admirador secreto. Porque, claro, foi para aí que o meu cérebro me levou imediatamente, como resultado de uma vida inteira devorando comédias românticas e lendo muitos livros inverossímeis. Por que você acha que eu beijei o Adam Kravitz? Ele era meu vizinho em Chicago. Existe história melhor do que a da garota que descobre que o seu verdadeiro amor morava o tempo todo na casa ao lado? Claro, o meu vizinho viria a ser mais como um zumbi com saliva misturada com refrigerante, mas tudo bem. Vivendo e aprendendo.

Sem dúvida AN é uma piada cruel. Provavelmente nem é “ele”. Deve ser só uma garota má dando uma de predadora dos fracos. Porque vamos admitir: eu sou fraca. Talvez até patética. Eu menti. Não sou faixa-preta em caratê. Não sou forte. Até o mês passado eu achava que era. De verdade. A vida me deu socos, cagou na minha cabeça, e eu caí de boca, para misturar as metáforas. Ou não. Às vezes a sensação era de que a vida tinha cagado na minha boca. O meu único motivo de orgulho: ninguém me viu chorar. E aí eu virei a garota nova do colégio WV, nessa região esquisita chamada de Valley, que fica em Los Angeles mas não é Los Angeles, ou algo assim, porque meu pai se casou com uma moça rica que cheira a amêndoas chiques, e aqui o suco custa 12 dólares, e... sei lá. Não sei mais nada.

Estou mais perdida, confusa e sozinha do que nunca. Não, o ensino médio não vai ser uma época que vou recordar com carinho. Uma vez a minha mãe me disse que o mundo é dividido em dois tipos de pessoa: as que adoram os anos do ensino médio e as que passam a década seguinte se recuperando deles. O que não mata fortalece.

Mas alguma coisa matou a minha mãe, e eu não estou mais forte. Então veja bem, talvez exista um terceiro tipo de pessoa: as que nunca se recuperam completamente do ensino médio.

## Capítulo 2

De algum modo deparei com a Única Coisa Que Não Pode Ser Achada no Google: *Quem é AN?* Uma semana depois de receber os e-mails misteriosos ainda não tenho a menor ideia. O problema é que eu gosto de saber das coisas. De preferência antes, com tempo suficiente para me preparar.

Sem dúvida a única opção viável para resolver essa droga de mistério é bancar o Sherlock.

Vamos começar com o Dia 1, aquele terrível primeiro dia no colégio, que foi uma bosta, mas, para ser justa, provavelmente não foi mais bosta do que todos os dias desde a morte da minha mãe. Porque a verdade é que ela continuou morta todos os dias depois que morreu. Ponto. E todos foram uma bosta. O tempo não cura todas as feridas, não importa quantos cartões de pêsames rabiscados às pressas por parentes distantes jurem que isso seja verdade. Mas imagino que naquele primeiro dia tenha havido algum momento em que eu emiti vibrações de *socorro* suficientes para AN me notar. Algum momento em que todo o negócio de *minha vida é uma bosta* ficou visível.

Só que descobrir isso não é tão simples, porque aquele dia teve uma infinidade de momentos constrangedores. Para começo de conversa, cheguei

atrasada por culpa do Theo. Theo é o meu novo meio-irmão. Ele é filho da nova mulher do meu pai e, *oba!*, também está no primeiro ano do ensino médio, mas resolveu lidar com toda essa dinâmica de família misturada fingindo que eu não existo. Por algum motivo, fui idiota a ponto de presumir que, como morávamos na mesma casa e frequentaríamos o mesmo colégio, iríamos de carro juntos. Nada disso. Acontece que a camiseta de SALVE O PLANETA do Theo é só para ser exibida, e, claro, ele não precisa preocupar aquela linda cabecinha com coisas insignificantes como, você sabe, dividir o dinheiro da gasolina. A mãe dele dirige uma grande empresa de marketing cinematográfico, e a casa deles (sei que moro lá agora, mas de jeito nenhum aquela é *minha casa*) tem até biblioteca. Só que, claro, ela é cheia de filmes, não livros, porque... Los Angeles. E assim acabei indo no meu carro para a escola e ficando engarrafada num trânsito terrível.

Quando finalmente cheguei ao colégio Wood Valley – passei pelo portão intimidador, encontrei uma vaga no enorme estacionamento cheio de carros de luxo e fui andando pelo longo caminho até a entrada –, a secretária na entrada pediu que eu me juntasse a um grupo de garotos sentados de pernas cruzadas na grama. Como se aquilo fosse um retiro espiritual ou algo assim, pois além de tudo havia alguns estojos de violão espalhados. Pelo visto isso pode acontecer em Los Angeles: aula ao ar livre num gramado impossivelmente verde em setembro, com as costas apoiadas em árvores floridas. Eu já estava desconfortável e suando na minha calça jeans escura, tentando afastar o nervosismo e a minha fúria no caminho até ali. Todas as outras garotas aparentemente tinham recebido um memorando para o primeiro dia de aula: vestidos fresquinhos em cores suaves e tecidos delicados que pendiam dos ombros minúsculos em alças mais minúsculas ainda.

Até agora essa é a diferença número um entre Los Angeles e Chicago: todas as garotas aqui são magras e vivem seminuas.

A aula já estava a pleno vapor e eu fiquei sem graça ali, parada, tentando arrumar um jeito de entrar no círculo. Aparentemente eles estavam contando em sentido horário o que tinham feito nas férias de verão. Enfim me acomodei atrás de dois caras altos, com esperança de que eles já tivessem falado e que eu pudesse passar despercebida.

Mas, claro, escolhi errado.

– Ei, pessoal. Sou o Caleb – disse o cara bem à minha frente, de um jeito autoritário que fez parecer que ele presumia que todos já o conheciam. Gostei da voz dele: confiante. Caleb estava tão seguro do seu lugar quanto eu estava insegura do meu. – Fui à Tanzânia nesse verão, e achei muito legal. Primeiro a minha família e eu escalamos o Kilimanjaro, e as minhas pernas ficaram doloridos durante semanas. Depois eu me ofereci como voluntário para construir uma escola numa aldeia rural. Então, sabe, eu fiz a minha parte. No geral, foi um verão fantástico, mas estou feliz em voltar pra casa. Senti muita falta de comida mexicana.

Comecei a bater palmas quando ele terminou – o cara escalou o *Kilimanjaro* e *construiu uma escola*, pelo amor de Deus, claro que deveríamos aplaudir –, mas parei assim que percebi que fui a única. Caleb estava usando uma camiseta cinza simples e calça jeans de grife, e era bonito de um jeito que não intimidava, as feições suaves a ponto de ser o tipo de cara com quem eu poderia, quem sabe, *talvez...* certo, provavelmente não, namorar. Não era nada alcançável, não, nem um pouco, era gato demais para mim, mas a fantasia não era tão ultrajante a ponto de eu não poder curtir-la só por um mísero segundo.

O cara descabelado, sentado bem à minha frente, foi o próximo, e ele também era bonito, quase tanto quanto o amigo.

Humm. Talvez eu me surpreendesse e acabasse gostando daqui, afinal. Teria uma ótima vida de fantasia, ainda que não uma vida real.

– Como vocês sabem, sou o Liam. Passei o primeiro mês de férias como estagiário no Google, lá na Bay Area, e foi incrível. Só o refeitório deles já valeu a viagem. Depois viajei de mochileiro pela Índia durante a maior parte de agosto.

Ele tinha uma voz boa, também. Melódica.

– De mochileiro? É ruim, hein?! – disse Caleb, o cara do Kilimanjaro e da camiseta cinza, e o resto da turma gargalhou, inclusive o professor.

Eu, não, porque, como sempre, perdi o timing. Estava ocupada demais imaginando como um cara do ensino médio consegue estagiar no Google e chegando à conclusão de que, se são esses os meus concorrentes, nunca vou entrar numa faculdade. E, certo, eu também estava tentando

sacar os dois caras, imaginando qual seria a deles. Caleb, apesar da escalada no Kilimanjaro, tinha uma vibe tipo playboyzinho, ao passo que Liam era mais do gênero hipster descolado. Um interessante yin e yang.

– Tudo bem, não viajei de mochileiro. Meus pais não me deixariam ir a não ser que eu promettesse ficar em bons hotéis, porque, vocês sabem... intoxicação alimentar e coisa e tal. Mas mesmo assim acho que consegui ter uma boa percepção da cultura local e elaborar uma redação fantástica para me inscrever na faculdade, que era o objetivo – continuou Liam, e nessa altura eu já tinha captado o que se passava por ali e sabia que não precisava aplaudir.

– E você? Qual é o seu nome? – perguntou o professor, que mais tarde descobri que era o Sr. Shackleman, o professor de educação física que, segundo alertou AN, gosta de olhar a bunda das garotas. – Não me lembro de você.

Não sei por que ele precisou observar isso, fazendo a turma inteira me olhar, *mas tudo bem*, pensei. Essa era uma tarefa do primeiro ano: o que eu fiz nas férias de verão? Não havia motivos para as minhas mãos estarem tremendo e a minha pulsação disparando; não existia razão para eu ter os sintomas dos primeiros estágios de um ataque cardíaco. Eu conhecia os sinais. Tinha visto nos anúncios de TV. Todos os olhares estavam fixos em mim, inclusive os de Caleb e Liam, ambos me observando com diversão e suspeita. Ou talvez fosse curiosidade. Não sei.

– Ah, oi, eu me chamo Jessie. Sou nova aqui. Não fiz nada empolgante nesse verão. Quero dizer, eu... me mudei de Chicago pra cá, mas antes disso eu trabalhava... é... tipo, no Rei das Vitaminas do shopping.

Ninguém foi grosseiro a ponto de gargalhar, mas dessa vez eu percebi as expressões facilmente. Pena explícita. Eles haviam construído escolas e viajado, estagiado em empresas de bilhões de dólares.

Eu tinha passado dois meses misturando xarope de milho com elevado teor de frutose.

Em retrospecto percebo que deveria ter mentido e dito que tinha ajudado órfãos paraplégicos em Madagascar. Ninguém estranharia nem um pouco.

Nem aplaudiria, a propósito.

– Espera. Você não está na minha lista de chamada – disse o Sr. Shackleman. – Você é do terceiro ano?

– Ah, não – respondi, sentindo uma gota de suor brotar e escorrer pela lateral do meu rosto.

Cálculo rápido: será que enxugá-la chamaria mais ou menos atenção ao fato de que eu estava expelindo uma enorme quantidade de água pelos poros? Enxuguei.

– Turma errada – falou. – Eu não me pareço com a Sra. Murray, ou estou enganado? – Agora todos gargalham abertamente por causa de uma piada que, na melhor das hipóteses, era um pouco engraçada. E 25 rostos se viraram outra vez para mim, me avaliando. Mesmo: algumas pessoas pareciam estar avaliando meu tamanho. – Sua turma está lá dentro.

O Sr. Shackleman apontou para o prédio principal, então precisei me levantar e ir embora enquanto toda a turma, inclusive o professor e os objetos de fantasia Caleb e Liam, observava eu e o meu traseiro se afastando. E só mais tarde, quando cheguei à minha sala de verdade e precisei me levantar e repetir todo o papo das férias de verão na frente de outros 25 adolescentes – e pronunciar as palavras “Rei das Vitaminas” pela segunda vez diante de uma plateia igualmente penalizada –, percebi que tinha um grande tufo de grama grudado na minha bunda.

Pensando bem, quantas pessoas podem ter percebido o meu desespero? Pelo menos 50, e estou calculando por baixo só para me sentir melhor.

A verdade é que AN poderia ser qualquer um.

Agora, 14 dias depois, estou aqui no refeitório segurando um saco de papel pardo idiota com um sanduíche dentro e olhando esse novo território – onde tudo é brilhante e *caro* (os alunos aqui andam de BMWs de verdade, e não de Ford Focus com um símbolo da BMW comprado no eBay e colado na frente do carro) – sem saber aonde ir. Estou diante do problema enfrentado por todos os alunos novos de todos os tempos: não tenho com quem me sentar.

Não existe a menor chance de eu me juntar ao Theo, o meu novo meio-irmão que, na única vez em que eu lhe disse “oi” no corredor, me deixou no vácuo tão intensamente que eu desisti até de olhar na direção dele. Ele sempre está perto de uma garota chamada Ashby (sim, é



o nome de verdade), que parece uma supermodelo desfilando numa passarela – com maquiagem gótica dramática, roupas de grife que parecem desconfortáveis, feições amplas e vazias, cabelo rosa espetado. Estou com a sensação de que o Theo é um dos caras mais populares dessa escola – ele anda pelo corredor cumprimentando os outros com uma batidinha de punhos –, o que é esquisito, porque ele é o tipo de cara que as pessoas zoariam em Chicago. Não por ser gay – meus colegas de turma no antigo colégio, o FDR, não eram homofóbicos, pelo menos não explicitamente –, mas porque é espalhafatoso. Um pouco exagerado *demais*. Tudo que o Theo faz é teatral, menos quando tem a ver comigo, claro.

Ontem à noite nos esbarramos antes de ir dormir e ele estava usando um roupão de seda, tipo modelo num anúncio de perfume. Certo, minhas bochechas estavam lambuzadas de creme para espinhas e eu fedía a óleo de melaleuca, que eram parte da minha paródia ridícula de adolescente espinhenta. Mesmo assim tive a decência de fingir que não era estranho as nossas vidas terem se misturado subitamente sem o nosso consentimento. Dei meu boa-noite mais amistoso, já que não vejo sentido em ser grossa. Isso não faria os nossos pais se separarem. Mas o Theo só me lançou um grunhido elaborado e elegante, com uma mensagem subliminar nítida: *Você e o seu pai golpista deveriam dar o fora da minha casa*.

Ele não está errado. Quero dizer, o meu pai não está interessado no dinheiro da mãe dele. Mas nós *deveríamos* ir embora, pegar um avião esta tarde e voltar para Chicago, ainda que isso seja uma impossibilidade. A nossa casa foi vendida. O quarto onde eu dormi a minha vida inteira agora abriga uma menina de 7 anos e a sua enorme coleção de bonecas. Está perdido, com todas as outras coisas que eram familiares para mim.

Quanto ao almoço de hoje, pensei em levar o meu triste sanduíche de creme de amendoim com geleia para a biblioteca, plano frustrado pela séria placa dizendo PROIBIDO COMER. Uma pena, porque a biblioteca daqui é incrível, até agora a única coisa que eu admitiria ser melhor em relação à FDR. (Na FDR não tínhamos uma biblioteca de verdade, e

sim um armário de livros, usado principalmente para dar uns amassos. Mas a FDR era uma escola pública. Para estudar aqui cobram trezentos milhões de dólares por ano, quantia paga pela nova mulher do meu pai.) Num folheto sobre a escola está escrito que o acervo da biblioteca foi doado por algum figurão de um estúdio renomado – e todas as cadeiras são chiques, do tipo que se vê nas revistas de decoração sofisticadas que a nova mulher do meu pai espalha estrategicamente pela casa. “Pornô decoração”, diz ela, com aquele sorriso nervoso que deixa claro que só fala comigo porque não tem opção.

Eu me recuso a comer no banheiro, porque é o que as pessoas patéticas fazem nos livros e nos filmes, e também porque é nojento. Os maconheiros colonizaram o gramado dos fundos, e de qualquer modo não quero sacrificar os meus pulmões no altar da amizade falsa.

Tem aquele negócio esquisito de Karrinho de Kafé, que normalmente teria a ver comigo, apesar do nome idiota: Por que os “K”? Por quê? Mas mesmo que eu voe para lá depois da aula de cálculo, as duas poltronas confortáveis estão sempre ocupadas. Numa está o cara esquisito que todo dia usa a mesma camiseta antiga do Batman e calça jeans preta justa. Ele lê livros ainda mais grossos do que os que costumam me agradar. (Ele está lendo mesmo? Ou os livros são para enfeitar? Qual é, quem lê Sartre por diversão?) A outra poltrona está sendo revezada por um grupo de garotas que riem alto demais e flertam com o Batman, cujo verdadeiro nome é Ethan – o que só sei porque temos aula de inglês juntos.

Naquele primeiro dia fiquei sabendo que o Ethan passou o verão como voluntário numa colônia de férias para crianças autistas. Não pilotou um liquidificador como eu, de jeito nenhum. Lado positivo: ele não me lançou um daqueles olhares penalizados que recebi do resto da turma quando falei sobre o meu trabalho incrível preparando vitaminas e sucos, mas se bem que isso aconteceu porque ele nem se deu o trabalho de olhar para mim.

Apesar do máximo empenho das garotas, o Batman não parece interessado nelas. Faz apenas o mínimo; dá um meio abraço, sem contato visual, e se encolhe depois de cada um, com o esforço custando caro, de algum modo invisível. (Acho que há muitos abraços e dois beijinhos nessa

escola, um em cada bochecha, como se fôssemos parisienses e tivéssemos 22 anos, não americanos de 16 ainda desajeitados em todos os sentidos.)

Não consigo imaginar por que elas continuam indo até ele, todas as vezes naquela bolha de felicidade, como se o ensino médio *fosse divertidíssimo!* Fala sério, preciso repetir? Para a vasta maioria de nós, *o ensino médio não é divertido; o ensino médio é o oposto de diversão.*

Fico imaginando como deve ser falar usando superlativos como aquelas garotas: *Ethan, você é superengraçado! Na moral. Tipo, o mais engraçado do mundo!*

– Você precisa de um pouco de ar puro. Venha passear com a gente, Eth – diz uma garota loura, e desgrenha o cabelo dele, como se ele fosse uma criança desobediente.

Dar mole aos 16 anos é igual em Los Angeles e Chicago, mas eu diria que as garotas daqui são ainda mais barulhentas, como se achassem que existe uma correlação direta entre voz alta e atenção masculina.

– Não, hoje, não – responde o Batman, educado mas frio.

Ele tem cabelo escuro e olhos azuis. Bonitinho, se você curte aquele ar de *estou cagando e andando*. Entendo o motivo para a garota desgrenhar o cabelo dele. É denso e tentador.

Mas ele parece mau. Ou triste. Ou as duas coisas. Como se também estivesse contando os dias para se formar e nesse meio-tempo não fizesse questão de esconder isso.

Pois é: 639 dias, incluindo os fins de semana. Até eu tento esconder isso. Na maior parte do tempo.

Não houve chance de olhar de verdade sem ser percebida, mas tenho quase certeza de que o Batman tem covinha no queixo, e há uma grande possibilidade de que use delineador, o que... *Eca!* Ou talvez as olheiras realcem os seus olhos, porque o menino parece cronicamente exausto, como se o sono não fosse um luxo concedido a ele.

– Tudo bem – diz a garota, que finge não ter ficado chateada com a rejeição, mas é óbvio que ficou.

Em resposta, ela se senta no colo de uma garota na poltrona oposta, outra loura, tão parecida com ela que podem até ser gêmeas, e finge fazer carinho nela. Sei qual é a desse showzinho.

Continuo andando, ansiosa para chegar ao banco perto da porta. Pode ser um lugar solitário para almoçar, mas também é uma área livre de ansiedades. Lá não tem como eu fazer nenhuma besteira.

– O que você está olhando? – rosna a primeira loura para mim.

E ali estão elas: as primeiras palavras que outro estudante me dirige voluntariamente desde que entrei para o colégio Wood Valley, há duas semanas: *O que você está olhando?*

*Bem-vinda à selva, penso. Bem-vinda. À. Selva.*

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)